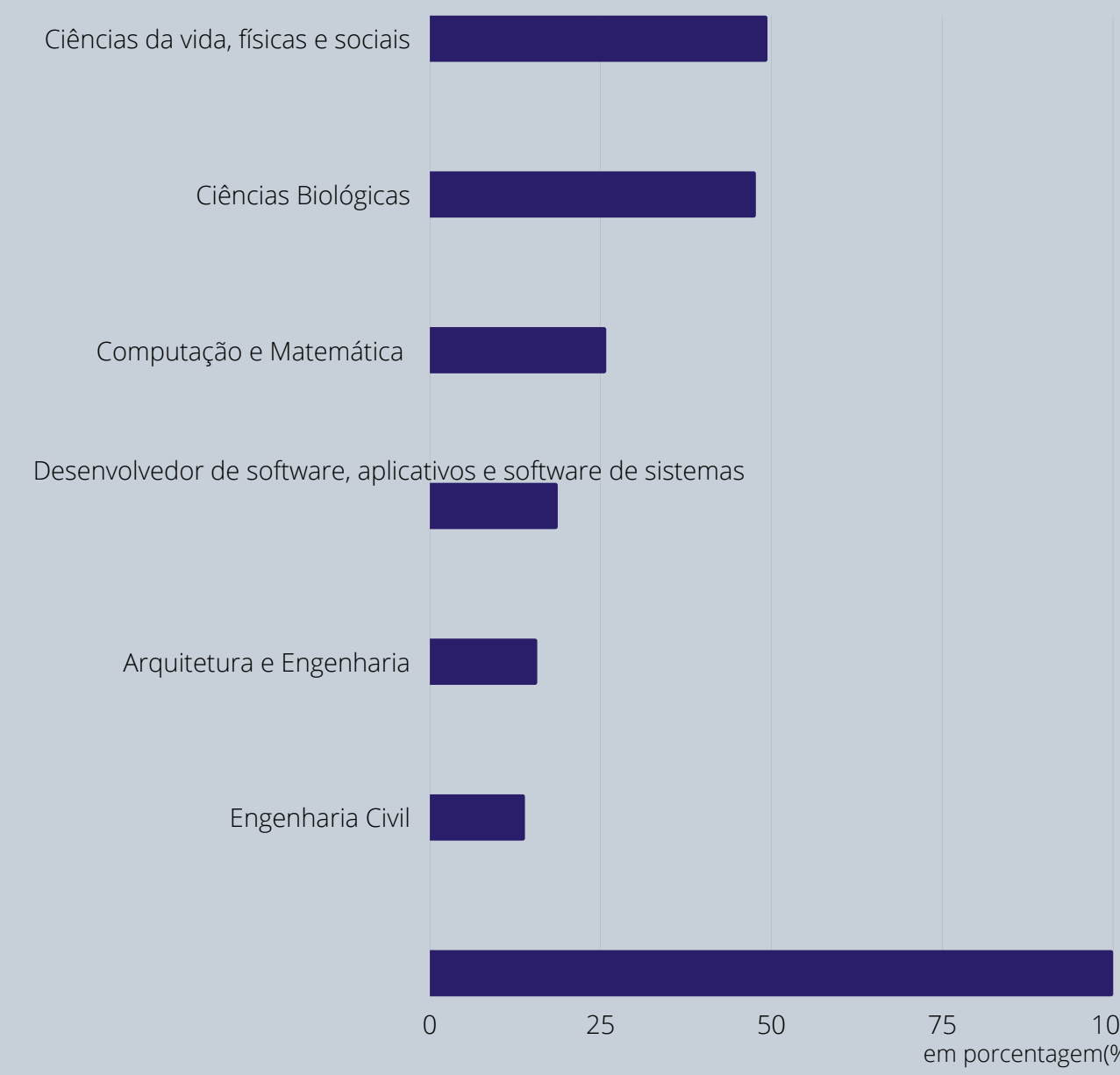


### INTRODUÇÃO

Através de reflexões sobre a área de formação e de atuação profissional para o meu futuro, entrei em contato com notícias, estatísticas e projetos que tratam do espaço que as mulheres profissionais ocupam no campo das Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática (STEM, em inglês).

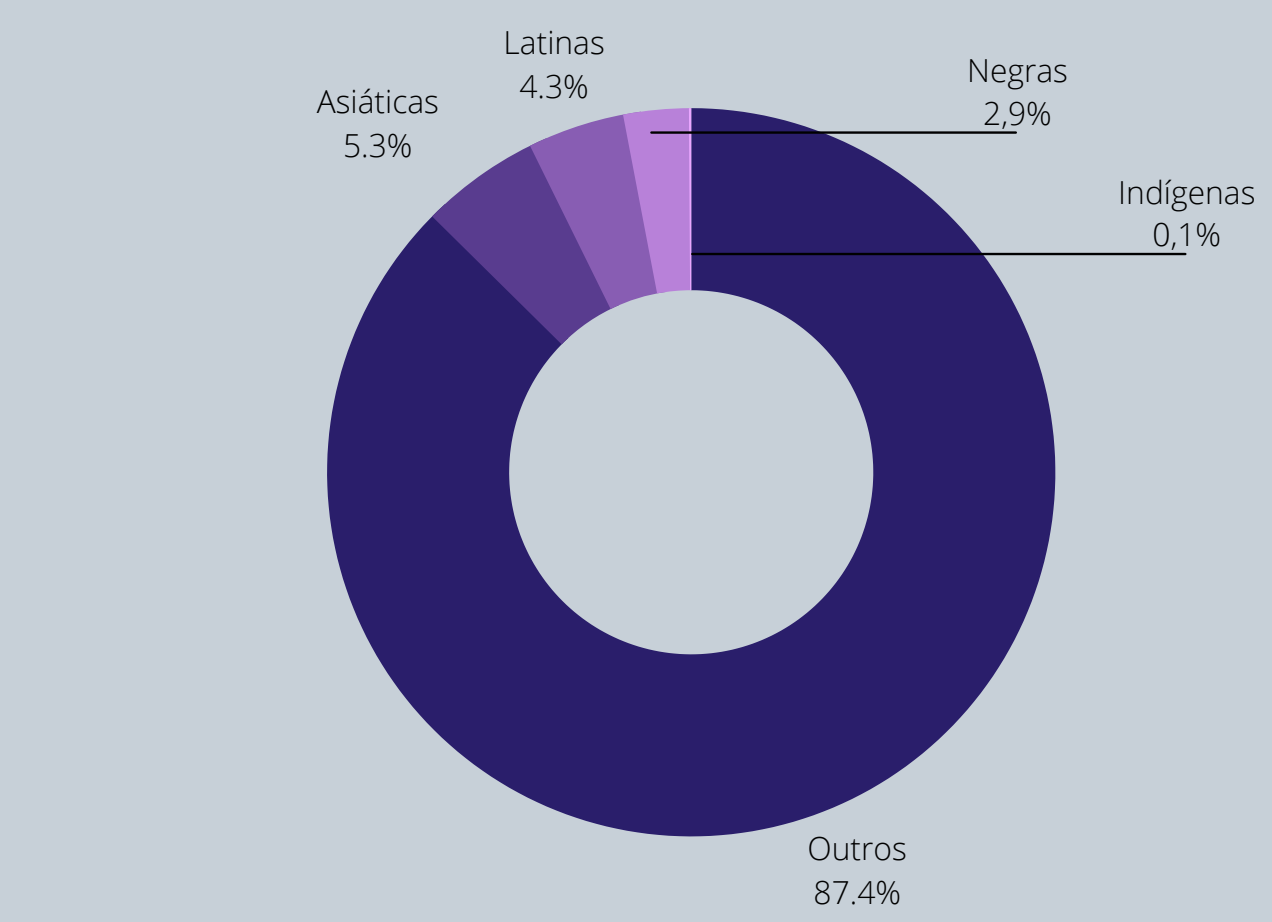
#### Mulheres empregadas em STEM nos EUA, 2019



fonte: <https://www.catalyst.org/research/women-in-science-technology-engineering-and-mathematics-stem/>. Gráfico elaborado pela autora.

A partir dos dados, constatou-se uma lacuna entre mulheres e o STEM. E essa lacuna aumenta ao combinarmos o aspecto de gênero com raça.

#### Diplomas em STEM por gênero e raça nos EUA, entre 2017 e 2018



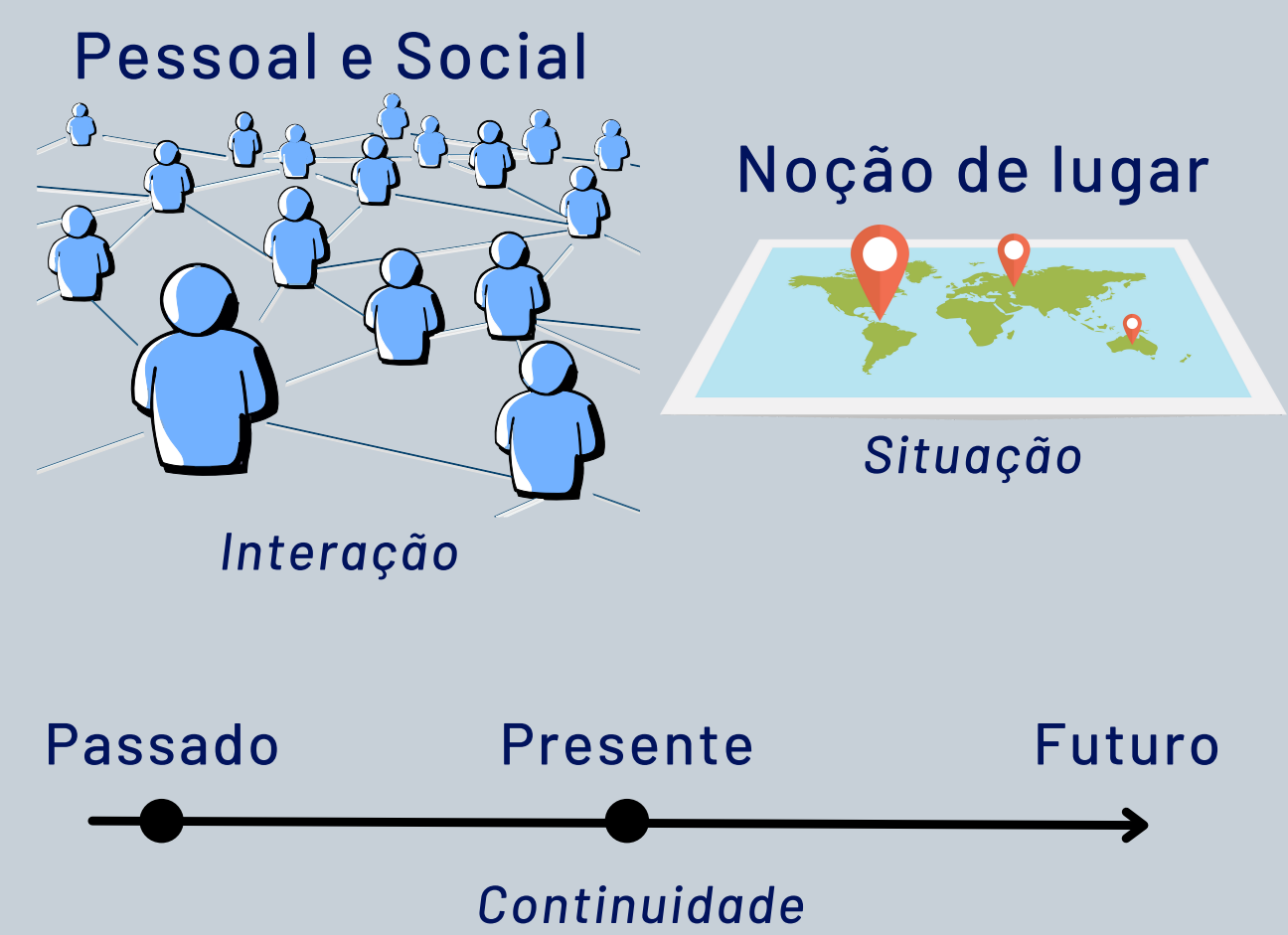
fonte: <https://www.catalyst.org/research/women-in-science-technology-engineering-and-mathematics-stem/>. Gráfico elaborado pela autora.

Por isso, nos propomos a narrar a história de formação profissional de Ana Vitória Vaz, eu, uma adolescente negra ingressada no curso técnico em Programação de Jogos Digitais. Desenvolvendo reflexões relacionadas com a análise do contexto socio-histórico brasileiro de desigualdade de gênero. A partir desse tópico, ampliar esta realidade a fim de investigar a situação da mulher negra no mercado técnico-científico e informacional no âmbito da computação. Outrossim, visamos conhecer as iniciativas de grupos sociais e acadêmicos que se engajam na causa e proporcionam a outras mulheres negras a oportunidade de acessar tecnologias.

### METODOLOGIA

Considerando o objeto de pesquisa, este estudo de abordagem qualitativa fundamenta-se teórico e metodologicamente nos pressupostos da Pesquisa Narrativa.

A Pesquisa Narrativa se caracteriza por ser um processo de investigação que considera o espaço tridimensional:



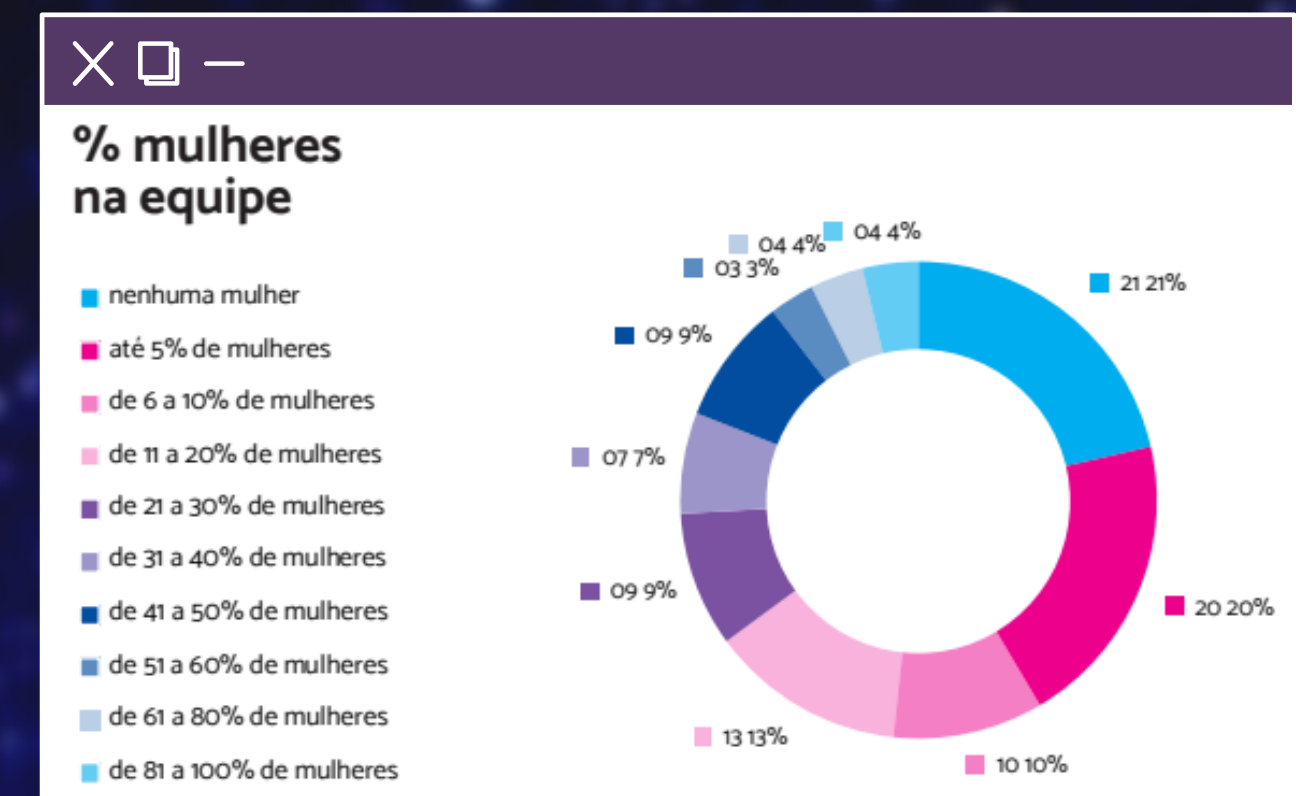
Clandinin e Connelly (2011, p. 85) esclarecem que os estudos narrativos “têm dimensões e abordam assuntos temporais; focam no pessoal e no social em um balanço adequado para a investigação; e ocorrem em lugares específicos ou seqüências de lugares”.

No processo de produção dos textos de campo devem ser usados como instrumentos de pesquisa: narrativas pessoais e fotos do acervo pessoal da estudante-pesquisadora, bem como entrevistas e conversas com mulheres negras que atuam na área de STEM, e material de notícias sobre mulheres negras profissionais divulgadas pelas mídias.

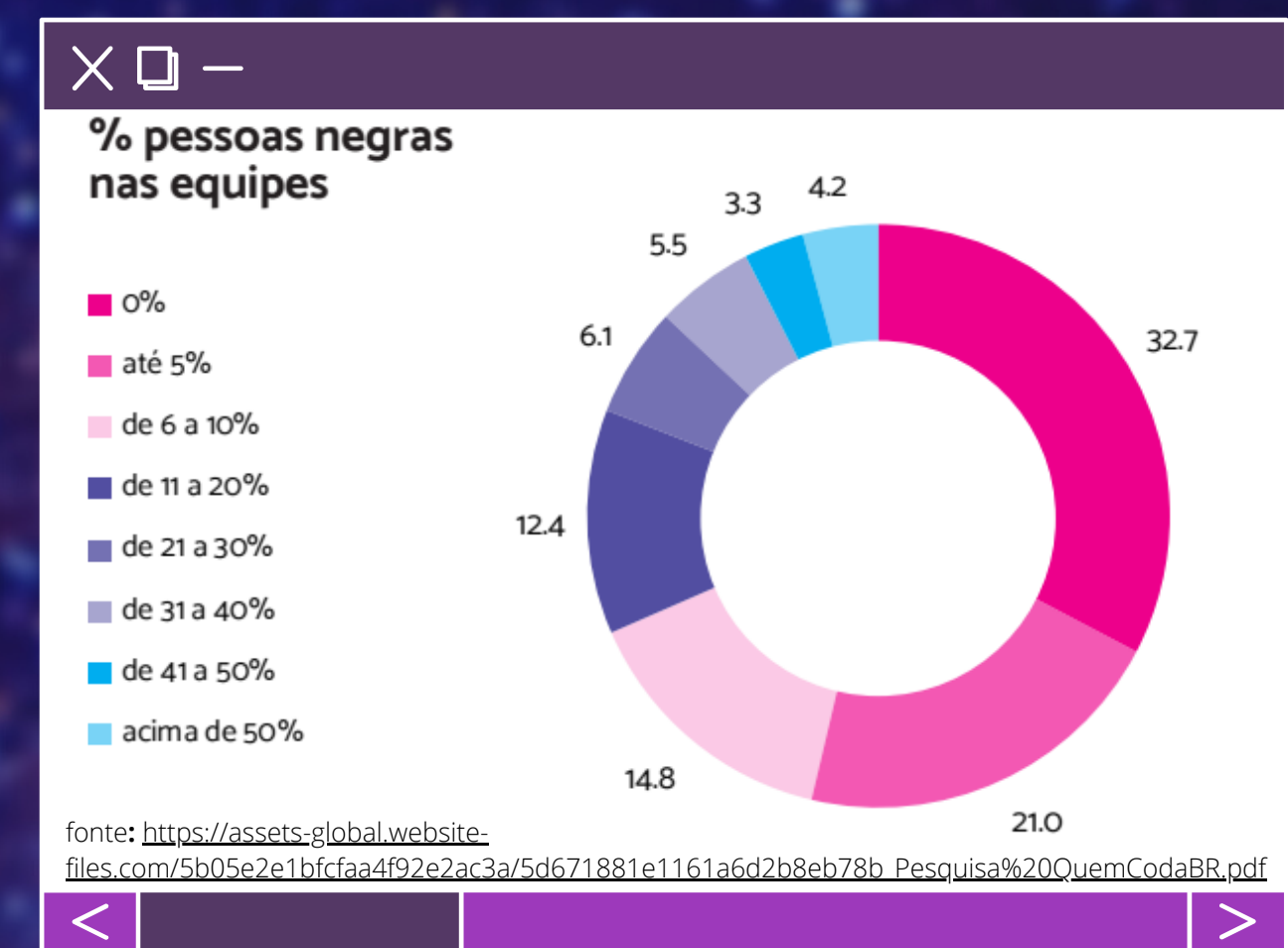
Para analisar narrativamente os textos de campo devemos usar como fundamentação na composição de sentidos os princípios sugeridos por Ely, Vinz, Downing, Anzul (2001).

### DESENVOLVIMENTO

A fim de inteirar-se do contexto nacional, a bolsista encarregou-se de coletar dados sobre a participação de mulheres afro-brasileiras no STEM. Em suas buscas, entrou em contato com a pesquisa #QuemCodaBR, realizada pelo projeto Preta Lab em parceria com a consultoria global de software Thoughtworks.



fonte: [https://sesse-global.website/files.com/516562e11f1f4a49262c3150671881e11f1a6d2b8b78b\\_Pesquisas%20umCodaBR.pdf](https://sesse-global.website/files.com/516562e11f1f4a49262c3150671881e11f1a6d2b8b78b_Pesquisas%20umCodaBR.pdf)



fonte: [https://sesse-global.website/files.com/516562e11f1f4a49262c3150671881e11f1a6d2b8b78b\\_Pesquisas%20umCodaBR.pdf](https://sesse-global.website/files.com/516562e11f1f4a49262c3150671881e11f1a6d2b8b78b_Pesquisas%20umCodaBR.pdf)

Nesse sentido, a bolsista entrou em contato com Silvana Bahia, desenvolvendo um diálogo relacionado com a temática. Ela é Diretora de Programas do Olabi, organização focada em inovação social, tecnologia e diversidade pelo qual está à frente da PretaLab, iniciativa focada em estimular mulheres negras e indígenas nas tecnologias.

Você notou mudanças em sua vida a partir do momento que aprendeu a programar?



Silvana Bahia

Não sou programadora, só aprendi um pouquinho disso... Sim, fez toda a diferença na minha vida. Porque é o que eu faço hoje [pesquisadora na área de tecnologia]. Criei um projeto pra mulheres negras, eu dirijo uma organização focada na democratização das tecnologias. Então sem dúvida, minha vida mudou muito por eu ter olhado pra isso naquele momento [2014].

Trecho retirado da conversa entre Ana Vitória e Silvana Bahia. Disponível em: <https://youtu.be/P4JEV1Y3LEE>

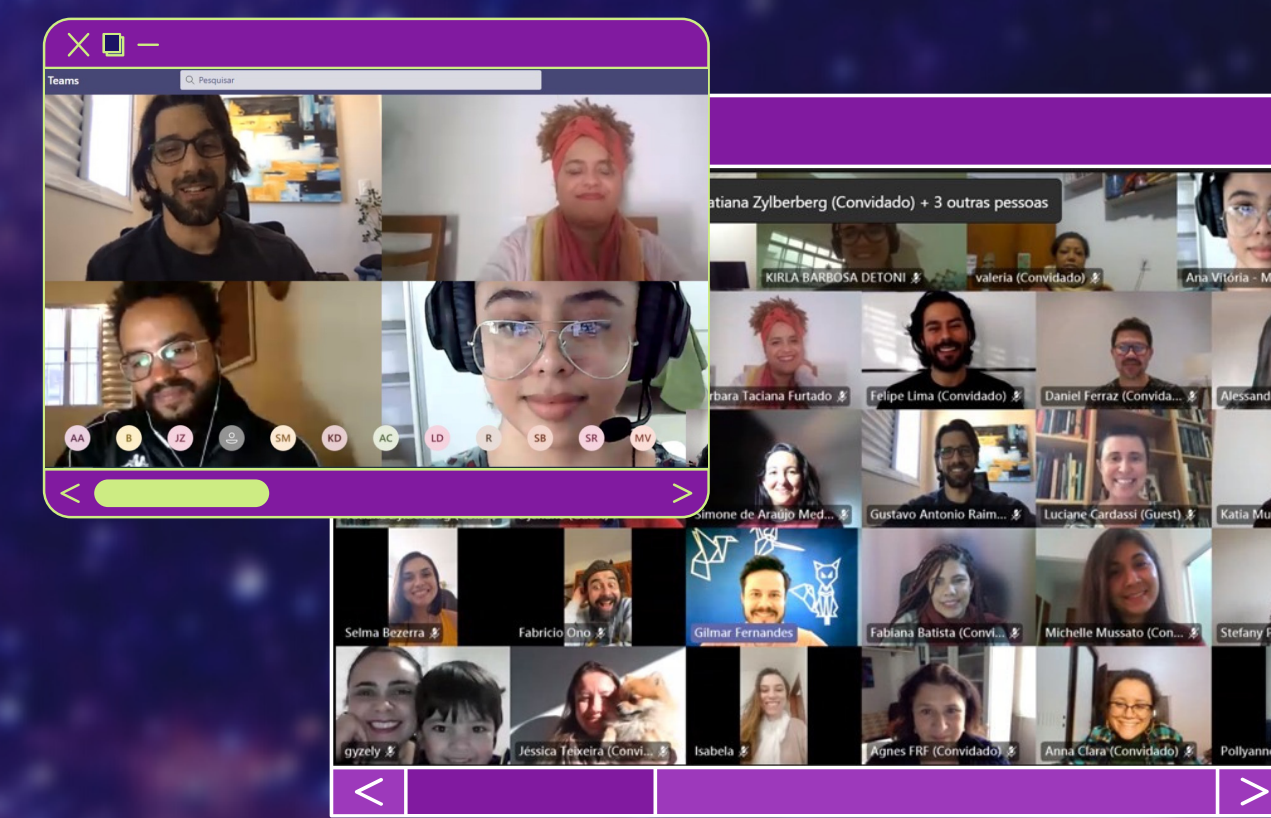
Ainda estabelecendo contato com mulheres negras atuantes na área, a bolsista conseguiu realizar uma Roda de Conversa online com Katemari Rosa. Ela é cientista e professora de Física na Universidade Federal da Bahia.



Imagens do acervo pessoal da autora. Vídeo disponível em: [https://youtu.be/y8SZIK0\\_824](https://youtu.be/y8SZIK0_824)

A proposta do evento online foi fazer referência ao 25 de julho, dia Internacional da Mulher Negra latino-americana e caribenha. Relacionando o tema à discussão sobre a atuação das mulheres negras nas áreas de ciências e tecnologias.

#### Fotos tiradas durante o I Congresso Brasileiro de Autoetnografia



Imagens do acervo pessoal da autora.

Concomitante a isso, a bolsista realizou resenhas críticas sobre as leituras e discussão de Frantz Fanon (2008) sobre “A mulher de cor e o branco”, conjuntamente com sua orientadora, estabeleceu um diálogo com as problematizações apresentadas pela antropóloga Lélia Gonzalez (1983) em seu artigo “Racismo e sexismo na cultura brasileira”.

Nessa perspectiva, desde a década de 1980, intelectuais brasileiras como Lélia Gonzalez já analisavam a forma como o preconceito racial manifestava-se no cotidiano feminino. E destacam-se três estereótipos da mulher negra brasileira: a mulata, a doméstica e a mãe preta.

Trecho retirado do fichamento de Ana Vitória.

A partir dos fichamentos, reflexões e discussões, a bolsista prosseguiu introspectivamente. Produziu narrativas pessoais, visitando acontecimentos de seu passado, analisando como eles interferem em seu presente, e projetando um possível futuro. Transversalmente, estabeleceu conexões com as leituras de pensadores negros e suas discussões.

### RESULTADOS PRELIMINARES

Nesse sentido, o principal produto deste trabalho é o website, que pode ser acessado através deste URL: <https://sites.google.com/estudante.iftm.edu.br/dandaratech>. E o principal intuito na elaboração desse site é o de divulgação científica, porque além do site funcionar como um repositório das atividades que estão sendo desenvolvidas, ele permite que outras pessoas possam acompanhar o desenvolvimento do nosso trabalho e ter acesso ao tema das mulheres negras nas ciências e tecnologias.

Por eu ser uma preta de pele clara, o racismo se manifesta de uma maneira menos intensa em relação àqueles que possuem tons de pele mais escuros, no qual há uma tentativa constante de apagamento de minhas raízes afro-brasileiras. Um dos processos que me fez reconhecer a minha negritude foi a minha relação com o meu cabelo.[...]

(Ana Vitória Vaz Santos, trecho de narrativa pessoal, março de 2021)

Nessa perspectiva, o papel do(a) professor(a) torna-se mais importante, porque além de introduzir essas garotas à tecnologia, deverá adotar uma abordagem que desperte interesse e coragem nas alunas, para que persistam no curso.[...]

(Ana Vitória Vaz Santos, trecho de narrativa pessoal, maio de 2021)



Imagens do website. Acervo da autora.

### CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Tomando como referência Frantz Fanon ao dizer que “existe na posse da linguagem uma extraordinária potência”, no sentido de que acessar a uma linguagem é sinônimo de obtenção de poder. Porque permite ao negro a possibilidade de transitar no mundo branco; tendo em vista para se alcançar o domínio sobre essa linguagem, seria necessário ter acesso a uma educação que infelizmente, por muitas vezes, é algo reservado para uma elite branca.

E traduzindo isso para a temática da minha pesquisa, ter acesso a áreas do STEM permite a possibilidade de participar de um mundo onde a tecnologia é cada vez mais integrada ao nosso dia a dia; ou seja, é sinônimo de obtenção de poder; seja poder intelectual ou financeiro. E o que pode observar é que as meninas negras são afastadas disso, se não privadas disso. O que consequentemente internaliza nessas meninas a falsa ideia de que não pertencem a esse espaço.

### REFERÊNCIAS

CLANDININ, J.; CONNELLY, M. *Pesquisa Narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa*. Trad. GPNP-ILEEL-UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

ELY, M.; VINZ, R.; ANZUL, M.; DOWNING, M. *On writing qualitative research: living by words*, 411. London, England and Philadelphia, PA: Routledge Falmer, 2001.

GONZALEZ, L. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*, 2, 223-244. Ciências Sociais Hoje, 1983.

KILOMBA, G. *Memórias de Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

FANON, F. *Pele negra máscaras brancas*, 53-68. Salvador: EDUFBA, 2008. DAVIS, A. *Mulheres, Raça e Classe*. Disponível em: . Acesso em: 1 nov. 2021.

GEE, J.; HAYES, E. *Women and Gaming The Sims and 21st Century Learning*. 1. New York: Palgrave Macmillan, 2010.